



JORNALISMO INDEPENDENTE FEMINISTA: MÍDIAS BRASILEIRAS

Fernanda Nunes da Silveira¹

RESUMO: Esse artigo aborda o jornalismo independente feminista e as mídias independentes brasileiras identificadas com o feminismo e as questões de gênero. Realizamos um comparativo entre as sete mídias independentes feministas brasileiras (AzMina, Catarinas, Cientista Que Virou Mãe, Gênero e Número, Lado M, Nós, Mulheres da Periferia e Think Olga), apresentando suas características editoriais e aspectos que orientam a sua prática jornalística. Essas mídias evidenciam temas da agenda feminista para a esfera pública, mostrando outros sentidos através de seus discursos e problematizando as estruturas que geram desigualdades e violências.

PALAVRAS-CHAVE: *Jornalismo Independente. Feminismo. Mulheres. Mídias.*

ABSTRACT: This article addresses independent feminist journalism and Brazilian independent media identified with feminism and gender issues. We carried out a comparison between seven independent Brazilian feminist media (AzMina, Catarinas, Cientista Que Virou Mãe, Gênero e Número, Lado M, Nós, Mulheres da Periferia and Think Olga), presenting their editorial characteristics and aspects that guide their journalistic practice. These media highlight themes of the feminist agenda in the public sphere, showing other meanings through their discourses and problematizing the structures that generate inequalities and violence.

KEYWORDS: *Independent Journalism. Feminism. Women. Media.*

¹ Graduada em Comunicação Social, na habilitação de Jornalismo, na Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc) em 2020. Mestre em Desenvolvimento Regional na Unisc em 2023 (Bolsista CAPES Modalidade 2 - Mestrado). E-mail: fernandandsilveira@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Esse artigo trata do jornalismo independente feminista e as mídias independentes brasileiras identificadas com o feminismo e as questões de gênero. O feminismo objetiva alcançar a equidade de gênero, fazendo uma análise crítica da condição das mulheres, problematizando as assimetrias e desigualdades entre as mulheres e os homens na sociedade patriarcal e lutando por transformações, com diversas vertentes e demandas.

Hoje, os movimentos sociais – como o feminismo – estão buscando novas estratégias no cenário midiático digital para promover e visibilizar suas pautas, aproveitando as tecnologias existentes. Na Internet, através das mídias ou das redes sociais, as feministas encontraram um espaço amplo e aberto para comunicar as suas pautas e debater sobre os seus direitos, causas e lutas.

Muitas dessas mídias feministas se caracterizam como independentes e, por meio delas, as feministas fazem um jornalismo identificado com as questões das mulheres e de gênero. Entendendo que, através dos seus discursos, o jornalismo constrói a realidade social e se faz presente na vida cotidiana de todas as pessoas, as feministas podem mostrar outros pontos de vistas e propor outros discursos, que influenciam e são influenciados pelos processos sociais, culturais e históricos da sociedade em que se insere.

Nesse artigo, buscamos realizar um comparativo entre as mídias independentes brasileiras que se identificam com o feminismo e as questões de gênero, destacando suas características principais. Para tanto, após esta introdução, abordamos as ondas feministas e as lutas e os marcos de cada um desses períodos e tratamos do conceito do jornalismo independente feministas e seus aspectos centrais. Em seguida, discutimos sobre as mídias independentes feministas brasileiras e suas características, apresentando um quadro comparativo. Por fim, temos as considerações finais e as referências consultadas.

2. ONDAS FEMINISTAS

Ao longo do tempo, as lutas e conquistas das diferentes mulheres foram e são consideradas marcas na história, sendo agrupadas em ondas feministas. A primeira onda feminista ocorreu entre o final do século XIX e o início do século XX e foi marcada pela luta por direitos básicos – como educação, voto e participação política e na vida pública. A palavra central era mulher, em uma oposição à palavra homem, que era considerado o ser universal (COSTA, 2018) e que pretendia incluir todos os seres humanos. As feministas buscavam evidenciar que as demandas específicas das mulheres não eram contempladas por essa concepção universal de homem.

As mulheres brancas queriam o direito à educação, acreditando que isso mudaria a condição da sua suposta inferioridade, e refutavam o casamento que as colocava em situação de submissão (SILVA; CARMO; RAMOS, 2021). Já as mulheres negras se envolveram também na reivindicação da abolição da escravatura. No campo acadêmico, as teóricas incorporavam a questão das mulheres às ideias liberais, socialistas e marxistas.

57

Na metade da década de 1950 até meados da década 1990, temos a segunda onda do feminismo, na qual as feministas questionavam o que é ser mulher, estudando a condição das mulheres e discutindo sobre os direitos reprodutivos e a sexualidade. Algumas procuravam entender a raiz da opressão sofrida por elas, surgindo a vertente do feminismo radical. Foi quando começou a distinção entre sexo e gênero, compreendendo que, embora existissem diferenças entre todas as mulheres do mundo, a opressão com base no gênero é algo que acontecia com todas. Desse modo, o feminismo conquistou direitos para as mulheres sobre o próprio corpo, contribuiu com o desenvolvimento de políticas públicas com foco na sexualidade, na violência contra a mulher, nos direitos reprodutivos e nas campanhas de combate ao câncer (SILVA; CARMO; RAMOS, 2021).

No Brasil, as feministas fizeram resistência à ditadura militar, visibilizando suas reivindicações nas ruas. Na década de 1970, houve a eclosão do feminismo brasileiro, após as mudanças efetivas na situação das mulheres no país a partir de 1960 propiciadas

pela modernização e colocando em questão a tradicional hierarquia de gênero (SARTI, 2004). Nesse período, as mudanças sociais e culturais influenciaram transformações sociais e de comportamento das mulheres. A expansão do mercado de trabalho e do sistema educacional gerou, ainda que de forma excludente, novas oportunidades para as mulheres, bem como houve uma facilitação no acesso a métodos anticoncepcionais e às terapias psicológicas e psicanálise (SARTI, 2004). Essas novas experiências conflitavam com os padrões tradicionais, autoritários e patriarcais enraizados culturalmente.

A terceira onda feminista surge na década de 1990, sendo marcada pela diversidade de mulheres e o entendimento sobre a necessidade de uma abordagem interseccional no feminismo. O feminismo que estava posto passou a ser desconstruído (MACHADO, 2018) a partir de análises e críticas que contribuíram para a renovação do próprio movimento e dos seus conceitos.

As feministas entendiam que o discurso feminista realizado até o momento era excludente (MACHADO, 2018), visto que as opressões afetam cada mulher de forma distinta de acordo com as condições sociais, educacionais, econômicas, culturais e étnicas. Por exemplo, havia disparidade entre as demandas das diferentes mulheres: as da elite desejavam acesso à educação e ao trabalho, enquanto as operárias lutavam contra o padrão moral da época e pela redução da jornada de trabalho e questionavam a imposição do casamento e a submissão da mulher em casa (MACHADO, 2018).

Assim, o feminismo, em diálogo com os movimentos negro, dos homossexuais, das lésbicas, das transexuais, etc., passa a analisar as diferentes opressões que as mulheres sofrem – etnia, classe social e sexualidade – e incorporou as demandas específicas de cada grupo social. A partir disso, as mulheres conseguiram ocupar cargos que antes eram exclusivos dos homens e um maior espaço na política e conquistaram mais direitos sobre o corpo, sua sexualidade, a contracepção e o aborto (SILVA; CARMO; RAMOS, 2021).

Hoje, há alguns teóricos que defendem a existência de uma quarta onda do feminismo, motivada pela atuação dos movimentos feministas nos meios digitais, incluindo o ativismo midiático. É caracterizada pelo uso das redes sociais e a criação de

mídias jornalísticas para transmitir informações, divulgar opiniões, promover debates e organizar mobilizações em escala global e com um público cada vez maior.

A relação entre mulheres e mídias digitais – característica importante da quarta onda – imprimiu uma nova dimensão às lutas feministas e contribuiu para que o feminismo esteja no imaginário cultural de mulheres de todos os tipos, vivências e marcadores sociais (MARTINEZ, 2021). Esse ativismo digital feminista evidencia a diversidade de sujeitos e de vertentes feministas com seus discursos, perspectivas e alinhamentos teóricos, bem como ressalta a abordagem interseccional das questões – que também é uma característica da quarta onda. Assim, raça, etnia, gênero, classe social, sexualidade, etc., são vistos como eixos de poder que perpassam os campos social, cultural, econômico e político e nos quais vemos o desempoderamento e as desigualdades. Tratam-se de eixos de poder distintos e mutuamente excludentes: o racismo é distinto do patriarcalismo, que, por sua vez, é diferente da opressão de classe, mas são sistemas que se sobrepõem e se cruzam, criando intersecções complexas (CRENSHAW, 2002) de várias opressões.

3. JORNALISMO INDEPENDENTE FEMINISTA

A relação entre feminismo e jornalismo não é algo recente. Ao longo da história, as mulheres – identificadas como feministas ou não, sendo ativistas ou não – se articularam para criar meios de comunicação que visibilizasse suas pautas, opiniões e reivindicações. Embora a forma de praticar jornalismo e o movimento feminista tenham se modificado com o tempo, tanto o jornalismo quanto o feminismo têm como princípio estruturante a análise crítica da realidade em cada momento histórico, tendo como deveres evidenciar as desigualdades existentes e buscar transformações na sociedade.

O movimento feminista reconheceu desde cedo o papel da mídia na produção de estereótipos de gênero (WOITOWICZ, 2012), criticando a forma como as mulheres são representadas nos meios de comunicação, os quais reforçam a cultura patriarcal e machista em que estamos inseridos. A mídia e o jornalismo são vistos como ferramentas de luta, nos quais as feministas podem confrontar as narrativas existentes e colocar outros discursos em circulação para a sociedade.

O jornalismo feminista se refere a um jornalismo feito por mulheres, a respeito delas e para elas, objetivando ser um espelho fiel delas e suas contradições, desejos, conquistas, questionamentos, problemas e lutas (FREITAS, 2017). Ou seja, não se trata apenas de meios de comunicação identificados com a causa feminista e das mulheres, mas sim que representem elas e contemplem todos os seus aspectos.

Buitoni (1990) conceitua imprensa feminista como as publicações que têm a finalidade política de defender as mulheres, tratando-se, em geral, de veículos alternativos, pois é difícil conciliar publicidade e objetivos de militância. São mídias com posicionamento e engajamento político na sociedade, bem como o jornalismo alternativo é um espaço mais aberto e adaptado à prática e aos ideais feministas (BUITONI, 1990).

As mídias independentes podem ser caracterizadas por não estarem vinculadas a nenhuma grande empresa de comunicação e pode ser observado um olhar diferente para a escolha das pautas e, conseqüentemente, a produção de conteúdo (REIS, 2017). Elas apresentam características que convergem com a prática de um jornalismo pautado pela diversidade e pluralidade, divulgando informações que possam contribuir com o empoderamento das pessoas e a ampliação da democracia.

A noção de independência se refere a uma maneira particular de fazer as coisas que é alternativa à grande mídia e a sua lógica, significando uma distância da indústria convencional (*mainstream*) (KARPPINEN; MOE, 2016, grifo nosso) e dos valores que orientam a atividade jornalística desses meios. Esse distanciamento é visto no formato, nas práticas e rotinas de produção, estabelecendo um modo diferente de fazer o jornalismo, no qual as regras de mercado e dessa indústria não aprisionam a criatividade e a liberdade dos produtores (ASSIS; CAMASÃO; SILVA; CHRISTOFOLETI, 2017).

Já o jornalismo independente com perspectiva feminista e/ou de gênero utiliza a comunicação como espaço estratégico de ação política, comunicando-se e militando ao mesmo tempo. O chamado jornalismo com perspectiva ou enfoque de gênero, ou ainda jornalismo feminista, surge como uma crítica à masculinidade hegemônica que está imposta e enraizada no jornalismo, podendo ser exercido por meios de comunicação hegemônicos ou alternativos (SCHANDER, 2021).

No cenário midiático, o feminismo identifica que o jornalismo convencional não atende as demandas feministas de transformação social, pois atua construindo e reforçando as relações desiguais entre os gêneros. Trata-se de um jornalismo baseado na hegemonia patriarcal, no qual todo o processo de produção favorece a perspectiva dos homens e não é sensível as questões de gênero. É nesse sentido que Silva (2010) constata que o jornalismo é masculino e que todos os procedimentos da produção das notícias estão perpassados por concepções de gênero e relações de gênero e poder.

As mídias com enfoque de gênero tendem a mobilizar outras lógicas e tensionar os valores dominantes que regem o jornalismo (SCHANDER, 2021). Mas não se trata de um jornalismo apenas sobre mulheres ou temas importantes para elas, e sim de um jornalismo que respeita e inclui as diferentes pessoas e problematiza as relações desiguais e assimetrias baseadas no gênero, raça/etnia, classe social, orientação sexual, etc. Isso mostra a abordagem interseccional, pois se entende que as mulheres e as pessoas LGBTQIA+ são diferentes, com realidades e demandas distintas, e não são categorias universais, tentando romper com os sentidos produzidos pela mídia convencional, que ainda trata das temáticas que envolvem as mulheres de forma essencializada, privilegiando as vozes das mulheres brancas, heterossexuais e de classe média.

Dentro do cenário jornalístico, existem *sites*, *blogs*, portais de notícias, revistas e jornais digitais que trabalham a partir de uma perspectiva feminista e de gênero, problematizando as relações desiguais entre os gêneros nos mais diversos setores da sociedade. São iniciativas que buscam uma visibilização midiática das mulheres, tentando estabelecer novas formas de representá-las como sujeitos sociais autônomos, portadoras de direitos e responsáveis por suas trajetórias de vida e participação político-social (VECCHIO-LIMA; SOUZA, 2017).

Há também a representatividade como profissionais que trabalham nos meios de comunicação como jornalistas, produtoras, editoras, diretoras, entre outros cargos. Na análise das 70 iniciativas independentes brasileiras da Grande São Paulo, Figaro (2018) constata que há dirigentes mulheres em 54,2% dos arranjos, sendo 28% fundados e dirigidos por mulheres jornalistas, e em 17% têm homens e mulheres nas direções.

As mídias independentes são um espaço de atuação política, mobilização e fortalecimento das mulheres e do feminismo. As mulheres são sujeitos da comunicação e conseguem ter representatividade, expressando seus conhecimentos, opiniões e pontos de vista sobre suas realidades e da sociedade. Esse jornalismo é uma forma de ativismo que integra as lutas pela cidadania das mulheres, sendo visto como um espaço de construção de discursos contra-hegemônicos e de identidades de resistência (WOITOWICZ, 2012).

4. MÍDIAS INDEPENDENTES FEMINISTAS NO BRASIL

No Brasil, a Agência Pública² elaborou um projeto para identificar iniciativas independentes brasileiras e lançou o Mapa de Jornalismo Independente em 2016. Esse mapa que continua sendo atualizado com novas experiências que surgem no território brasileiro³. O levantamento foi feito seguindo estes critérios: organizações que produzem primordialmente conteúdo jornalístico; organizações que nasceram na rede; projetos coletivos, que não se resumem a *blogs*; sites não ligados a grandes grupos de mídia, políticos, organizações ou empresas (AGÊNCIA PÚBLICA, 2022).

62

Em 2022, constam 82 iniciativas independentes na seleção da Agência Pública para o mapa interativo. Desse total, verificamos que 58 delas seguem atualizadas com publicações nesse ano e 24 estão desatualizadas. Nesse mapeamento, existem sete mídias que se identificam com o feminismo, as questões das mulheres e de gênero e que seguem atualizadas no ano de 2022. São elas: *AzMina*, *Catarinas*, *Cientista Que Virou Mãe*, *Gênero e Número*, *Lado M*, *Nós*, *Mulheres da Periferia* e *Think Olga* (Quadro 1).

² A Agência Pública é uma agência brasileira de jornalismo investigativo sem fins lucrativos. O acesso está disponível através link: <https://apublica.org/>.

³ Embora esse projeto continue sendo atualizado, é possível que existam mais experiências no Brasil que não foram mapeadas, especialmente em nível local.

Quadro 1 – Mídias independentes feministas brasileiras

	AzMina	Catarinas	Cientista Que Virou Mãe	Gênero e Número	Lado M	Nós, mulheres da periferia	Think Olga
Conceito-chave	Jornalismo e tecnologia pela igualdade de gênero.	Jornalismo independente, feminista e antirracista.	Mulheres, mães, maternidade, empoderamento, educação sem violência e tudo com Ciência e amor.	Gênero e raça traduzidos em dados e visualizações.	Empoderamento e protagonismo feminino.	Nós: Uma redação de mulheres periféricas registrando seu jeito de ver o mundo.	Comunicação de impacto para catalisar mudanças na vida das mulheres.
Definição	O Instituto AzMina é uma organização sem fins lucrativos que luta pela igualdade de gênero. Produz uma revista digital, um aplicativo de enfrentamento à violência doméstica e uma plataforma de monitoramento legislativo dos direitos das mulheres, ministra palestras e consultorias.	Portal de jornalismo especializado em gênero, feminismos e direitos humanos.	Blog para compartilhar material científico e descobertas referentes à maternidade, à infância e à vida das mulheres que se tornam mães.	A primeira organização de mídia do Brasil orientada para dados para qualificar o debate sobre equidade de gênero e raça.	Portal sobre empoderamento e protagonismo feminino. Ambiente de aprendizado, reflexão e debate sobre tabus e questões femininas da atualidade.	Redação jornalística de mulheres periféricas com um olhar para os temas que são importantes no Brasil e no mundo.	Organização não-governamental de inovação social com foco em criar impacto positivo na vida das mulheres do Brasil e do mundo por meio da comunicação.
Fundação	2015	2016	2010	2016	2014	2014	2013
Propriedade	Instituto AzMina	Associação Catarinas	Ligia Moreiras	Associação Gênero e Número	Grupo de mulheres	Coletivo Nós, Mulheres da Periferia	Organização Não-Governamental
Sede	São Paulo, São Paulo	Florianópolis, Santa Catarina	Florianópolis, Santa Catarina	Rio de Janeiro, Rio de Janeiro	São Paulo, São Paulo	Periferia de São Paulo, São Paulo	São Paulo, São Paulo
Abrangência	Nacional	Regional e Nacional	Nacional	Nacional e América Latina	Nacional	Periferia de São Paulo	Nacional
Média de publicação	Menos de 10 publicações por mês.	Cerca de 27 publicações por mês.	Menos de 3 publicações por mês.	Menos de 10 publicações por mês.	Menos de 10 publicações por mês.	Cerca de 20 publicações por mês.	Atuação em projetos e em ferramentas, não tendo frequência específica.

Site	https://azminha.com.br/	https://catarinhas.info/	https://cientistasaqueviroumae.com.br/	https://www.generonumero.media/	https://mediom.com/ladom	https://nosmulheresdaperiferia.com.br/	https://thinkolga.com/
Equipe	3 mulheres na Direção do Instituto e da Revista; 7 mulheres no Conselho e 17 mulheres na equipe do Instituto; 3 mulheres na equipe de Arte, 2 mulheres na equipe de Audiovisual, 4 mulheres na equipe de Captação, 2 mulheres na equipe do Financeiro e Administrativo e 4 mulheres na equipe de jornalismo da Revista; 10 colunistas; 1 voluntária;	1 Gestora administrativa; 1 Diretora executiva; 1 Coordenadora de Projetos; 1 Repórter de cobertura local e projetos especiais; 1 Editora de conteúdo e estratégias digitais; 1 Repórter e desenvolvedora de web stories; 1 Repórter e assistente de roteiro; 1 Repórter e editora; 1 Designer e ilustradora; Conselho editorial: 11 mulheres;	1 cientista, escritora e produtora de conteúdo digital.	1 Cofundadora e Diretora; 1 Diretora de Conteúdo; 1 Diretora de Design e Arte; 1 Editora Assistente; 1 Diretora de Dados; 1 Designer; 5 jornalistas experientes; 2 designers de informação; 1 Cientista de dados e pesquisadora; 1 Cientista política e pesquisadora; 1 Especialista em produto; 1 Especialista em ciências contábeis; Colaboradores de tecnologia e de audiovisual; Conselho Consultivo: 7 pessoas.	2 editoras e 92 colaboradoras voluntárias de diferentes idades e regiões.	2 cofundadoras e gestoras operacionais; 2 cofundadoras e diretoras institucionais; 2 cofundadoras e editoras; 1 diretora administrativa; 1 diretora musical do podcast Conversa de Portão; 4 colaboradoras.	11 mulheres
Editorias	Política, Violência, Saúde, Feminismos, Comportamento, Cultura, Dinheiro, Esporte, Maternidade, Opinião, Divã D'AzMina	Notícias, Opinião, Violências, Agenda, Entrevista, Especial, Cultura, Corpo, Movimentos Sociais, Território, Destaque, América Latina, Educação, Editorial, Política, Feminismos, Mídias,	Adolescência, Amamentação, Carreira, Ciência, Crianças, Direitos, Divórcio, Educação sem violência, Empoderamento, Família, Feminismo, Finanças, Gravidez, Parto e pós-parto, LGBTQIA+, Machismo,	Trabalho, Política, Direitos Reprodutivos, Cultura, Ciência e Educação, Violência, Esporte, Mobilidade, Latinoamérica, Justiça	Feminismo, Mulheres reais, Comportamento, Saúde, Cultura, Cotidiano	Análise, Comportamento, Contexto, Histórias	Interseccionalidade, Laboratório, Projetos, Ferramentas, Jornadas

		Jornalismo, Aborto.	Maternidade, Mulheres, Pandemia, Paternidade, Relacionamentos, Saúde, Saúde mental, Sexualidade, Sobrecarga, Trabalho, Velhice, Violência, etc.				
Pautas e temas principais	Cotidiano das mulheres, direitos, violência, equidade de gênero, etnia/raça, preconceito, maternidade, aborto, esporte, política, saúde, trabalho, cultura, educação, meio ambiente.	Cotidiano das mulheres, maternidade, educação, política, meio ambiente, esporte, saúde, identidades de gênero.	Maternidade, saúde das mulheres e das crianças, empoderamento, violência, educação.	Cotidiano das mulheres, direitos, violência, equidade de gênero, etnia/raça, preconceito, esporte, política, trabalho, ciência, educação.	Resenhas de livros e filmes de mulheres, cotidiano das mulheres, notícias factuais e atuais sobre mulheres (violência, saúde, política, etc.).	Cotidiano das mulheres negras, preconceitos, racismo, machismo, direitos, política, cultura e dicas de livros, filmes e eventos.	Direitos humanos e das mulheres, violência de gênero e assédio sexual, gênero, empoderamento, diversidade, identidades LGBTQIA+, racismo, mulheres na pandemia, no esporte e na política. ⁶⁵
Financiamento	Financiamento coletivo com doações de pessoas físicas e organizações nacionais e internacionais, editais, patrocínio e projetos.	Financiamento coletivo com doações de pessoas, instituições e sindicatos de Santa Catarina.	Financiamento coletivo.	Financiamento coletivo com doações de pessoas e de organizações internacionais.	Publicidade no site.	Financiamento coletivo com doações de pessoas e editais de financiamento de projetos.	Financiamento coletivo com doações de pessoas, organizações nacionais e internacionais, institutos relacionados à causa das mulheres e empresas privadas.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do Mapa de Jornalismo Independente da Agência Pública e das mídias independentes representadas.

O *Catarinas* é um portal com conteúdo jornalístico com perspectiva de gênero, focando nos direitos das mulheres. Busca articular o engajamento feminista para a construção de narrativas jornalísticas e valorizar as mulheres que comumente são invisibilizadas na mídia convencional – negras, brancas, indígenas, lésbicas, periféricas, cisgêneras e trans

–, com um enfoque não estereotipado delas (CATARINAS, 2022). Em suas pautas, trabalha com temas abrangentes, mas com um olhar analítico a partir da perspectiva de gênero. Na visão das produtoras, um jornalismo que se diz neutro ou imparcial acaba, de forma consciente ou inconsciente, contribuindo com a manutenção das relações de poder já existentes e das violências geradas por elas (CATARINAS, 2022). Essa mídia está situada fora do eixo Rio de Janeiro e São Paulo, onde muitas mídias convencionais e independentes se concentram. Essa mídia privilegia fontes locais e tem como público alvo a região de Santa Catarina, apresentando a localidade como um critério de noticiabilidade (ROCHA; DANCOSKY, 2018).

O *Cientista Que Virou Mãe* é um blog criado pela cientista, escritora e produtora de conteúdo digital Ligia Moreiras para tratar da vida de mulheres mães. Em 2015, junto com a engenheira agrônoma e mãe Nani Feuser, transformou o site na primeira plataforma brasileira de informação independente produzida por mulheres mães e financiada coletivamente (CIENTISTA QUE VIROU MÃE, 2022). Mas, em 2019, o blog voltou a ter como foco o trabalho da Ligia Moreiras, que também produz um podcast, escreve livros e ministra cursos e palestras voltados para as mulheres e a maternidade. No site, há uma loja virtual para venda dos livros e outros produtos com a marca *Cientista Que Virou Mãe*.

A *Gênero e Número* é uma iniciativa independente de jornalismo de dados analisando temáticas relacionados ao gênero e raça/etnia. Seu propósito é “gerar e repercutir informação qualificada e verificada para embasar discursos de mudança” (GÊNERO E NÚMERO, 2022). Essa mídia tem uma perspectiva baseada na diversidade e na interseccionalidade, evidenciando as desigualdades e objetivando promover a equidade.

O *Lado M* é um portal que foca no empoderamento das mulheres por meio de notícias, reportagens, opiniões, resenhas, vídeos e ensaios fotográficos. Com um conteúdo mais plural e inclusivo possível trata de temáticas atuais para as mulheres e promove campanhas – como #NãoQueroFlores e #NãoSouObrigada –, para gerar mobilização em torno das causas (LADO M, 2022).

O *Nós, Mulheres da Periferia* é um site jornalístico que busca representatividade para as mulheres das periferias, problematizando as questões de gênero fazendo a intersecção com etnia, classe social e território. É produzido por mulheres que criaram um site para escrever e registrar histórias que não encontravam em lugar nenhum (NÓS, MULHERES DA PERIFERIA, 2022) a partir da perspectiva, das vivências e dos contextos das diferentes mulheres periféricas. Tem como objetivo “ser uma organização feita por mulheres focada em produzir o melhor conteúdo para mulheres”, com o compromisso de “oferecer um outro jeito de ver os acontecimentos no Brasil e o mundo e contribuir para a construção de uma sociedade plural, antirracista e não patriarcal” (NÓS, MULHERES DA PERIFERIA, 2022).

Think Olga é uma Organização Não Governamental (ONG) feminista que, através de comunicação, tecnologia e inovação, divulga informações, dados, conteúdos e produtos que contribuem para entender a realidade das mulheres e para o debate de gênero. Sua missão é “sensibilizar a sociedade sobre questões de gênero e suas intersecções e educar e instrumentalizar pessoas dispostas a serem agentes de mudança na vida das mulheres” (THINK OLGA, 2022). Possui uma organização irmã, a *Think Eva*, que é uma consultoria de inovação social que atua no setor privado.

AzMina é um instituto sem fins lucrativos, do qual faz parte a *Revista AzMina*. A *AzMina* se intitula como “uma resposta feminista à desigualdade de gênero” (AZMINA, 2022). Esse instituto se dedica a promover a equidade de gênero através de cinco frentes de atuação – Jornalismo, Tecnologia, Palestras, Campanha e Consultorias. No jornalismo, trabalha com a produção e disseminação de informações plurais que sejam relevantes para as mulheres. Essa atuação acontece por meio da *Revista AzMina*, plataforma *Elas no Congresso* (projeto que monitora os direitos das mulheres no poder legislativo), redes sociais, webséries, *podcasts*, projetos e *newsletters* produzidas.

A *Revista AzMina* é uma publicação jornalística criada em 2015 com financiamento coletivo por Nana Queiroz, Helena Bertho e Carolina Oms, em São Paulo. Intitula-se como uma revista feminista independente que respeita e valoriza a mulher em toda a sua diversidade e se baseia na ideia de equidade entre as pessoas (AZMINA, 2022). A revista aborda temas diversos com recorte de gênero, considerando

a interseccionalidade e a diversidade, publicando diversos conteúdos jornalísticos em seu site. Há também a cobertura de pautas ignoradas pela mídia convencional ou que, em geral, são abordadas a partir da ótica dos homens ou que desconsideram o recorte de gênero.

Diante disso, essas experiências jornalísticas são espaços de mulheres para as mulheres que tratam de assuntos que permeiam as suas realidades. São mídias que se identificam explicitamente com o feminismo, buscando evidenciar as desigualdades de gênero, romper com as normas e estereótipos de gênero e promover o debate a respeito dos diversos temas pela ótica de gênero.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os meios com perspectiva feminista e de gênero propõem temas da agenda feminista para a esfera pública – inclusive assuntos que costumam ser ignorados –, apresentando interpretações e sentidos que buscam desnaturalizar determinadas concepções e comportamentos, problematizando as estruturas que geram desigualdades e violências e tensionado a ordem social dominante. São mídias que fazem críticas a respeito da forma como as questões de gênero são – ou não são – abordadas e como as mulheres são – ou não são – representadas nos discursos e das imagens divulgadas pelos meios de comunicação convencionais. De modo geral, o jornalismo convencional produz e reproduz representações de gênero hegemônicas e dificilmente tem um olhar crítico sobre elas (SCHANDER, 2021).

O feminismo tensiona os pilares que sustentam o jornalismo, problematizando as estruturas que reproduzem as opressões e as desigualdades e buscando rupturas. As mídias com perspectiva feminista e de gênero propõem outros sentidos sobre o mundo através de seus discursos, buscando a superação dos estereótipos. São iniciativas que contemplam as mulheres e suas demandas, valorizando o papel delas na sociedade e suas experiências e problematizando as desigualdades de gênero nas instituições e esferas sociais. Essas mídias trabalham com a diversidade e a pluralidade, buscando dar visibilidade para as diferentes pessoas e as diferentes realidades nos seus discursos.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA PÚBLICA. Mapa do jornalismo independente: um projeto da Agência pública. **Agência Pública**, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://apublica.org/mapa-do-jornalismo>. Acesso em: 03 jul. 2022.

ASSIS, Evandro de; CAMASÃO, Leonel; SILVA, Mariana Rosa; CHRISTOFOLETI, Rogério. Autonomia, ativismo e colaboração: contribuições para o debate sobre a mídia independente contemporânea. **Pauta Geral – Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, v. 4, n. 1, p. 3-20, jan./jun. 2017. ISSN 2318-857X. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/pauta/article/view/9899/5813>. Acesso em: 26 jun. 2022.

AZMINA. Revista AzMina. **AzMina**, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://azmina.com.br/revista-azmina/https://azmina.com.br/>. Acesso em: 10 jan. 2022.

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Imprensa Feminina**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

CATARINAS. Jornalismo com perspectiva de gênero. **Catarinas**, Florianópolis, 2022. Disponível em: <https://catarinas.info/>. Acesso em: 10 set. 2022.

CIENTISTA QUE VIROU MÃE. **Mulheres, mães, maternidade, empoderamento, educação sem violência e tudo com Ciência e amor**: Ligia Moreiras, Cientista Que Virou Mãe. Cientista Que Virou Mãe, Florianópolis, 2022. Disponível em: <https://cientistaqueviroumae.com.br/>. Acesso em: 10 set. 2022.

COSTA, Jessica Gustafson. **Jornalismo feminista**: estudo de caso sobre a construção da perspectiva de gênero no jornalismo. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/193588>. Acesso em: 20 ago. 2022.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002. ISSN 1806-9584. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2002000100011/8774>. Acesso em: 20 mar. 2022.

FIGARO, Roseli (org.). **As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia**. São Paulo: ECA-USP, 2018.

FREITAS, Viviane Gonçalves. **De qual feminismo estamos falando?**: desconstruções e reconstruções das mulheres, via imprensa feminista brasileira, nas décadas de 1970 a 2010. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/23636>. Acesso em: 01 maio 2022.

GÊNERO E NÚMERO. Gênero e raça traduzidos em dados e visualizações. **Gênero e Número**, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://www.generonumero.media/>. Acesso em: 10 set. 2022.

KARPPINEN, Kari; MOE, Hallvard. What we talk about when talk about “media independence”. **Javnost - The Public**, Liubliana, v. 23, n. 2, p. 105-119, 2016. ISSN 1854-8377. DOI: <https://doi.org/10.1080/13183222.2016.1162986>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13183222.2016.1162986>. Acesso em: 25 jun. 2022.

LADO M. Portal sobre empoderamento e protagonismo feminino. **Lado M**, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://medium.com/lado-m>. Acesso em: 10 set. 2022.

MACHADO, Viviane Ramos. **O jornalismo como palco de disputas discursivas: o movimento feminista no jornal A Gazeta do Espírito Santo (1986-2016)**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Territorialidades) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/handle/10/7080>. Acesso em: 21 abr. 2022.

MARTINEZ, Fabiana Jordão. Militantes e radicais da quarta onda: o feminismo na era digital. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 3, p. 1-14, 2021. ISSN 1806-9584. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n370177>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/70177/47874>. Acesso em: 27 fev. 2022.

NÓS, MULHERES DA PERIFERIA. Nós: Uma redação de mulheres periféricas registrando seu jeito de ver o mundo. **Nós, Mulheres da Periferia**, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://nosmulheresdaperiferia.com.br/>. Acesso em: 10 set. 2022.

REIS, Mariana. Comunicar, resistir: um olhar sobre as práticas discursivas em rede do jornalismo independente no Brasil. **Vozes e Diálogo**, Itajaí, v. 16, n. 1, p. 193-204, jan./jun. 2017. ISSN 2237-4531. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/vd/article/view/9455>. Acesso em: 18 abr. 2021.

ROCHA, Paula Melani; DANCOSKY, Andressa Kikuti. A diversidade de representações da mulher na cauda longa do jornalismo independente sobre gênero. **Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación**, Quito, n. 139, p. 389-408, dez. 2018. ISSN 1390-924X. Disponível em: <https://revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/view/3104>. Acesso em: 10 set. 2022.

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 35-50, 2004. ISSN 1806-9584. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2004000200003>. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2004000200003/7860>. Acesso em: 27 fev. 2022.

SCHANDER, Gabriela. **Por uma perspectiva de gênero no jornalismo**: construção de categorias analíticas e uma análise de conteúdo da Revista AzMina. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/229100>. Acesso em: 28 dez. 2022.

SILVA, Joasey Pollyanna Andrade da; CARMO, Valter Moura do; RAMOS, Giovana Benedita Jaber Rossini. As quatro ondas do feminismo: lutas e conquistas. **Revista de Direitos Humanos em Perspectiva**, Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 101-122, jan./jul. 2021. ISSN 2526-0197. DOI: <http://dx.doi.org/10.26668/IndexLawJournals/2526-0197/2021.v7i1.7948>. Disponível em: <https://indexlaw.org/index.php/direitoshumanos/article/view/7948/pdf>. Acesso em: 26 set. 2021.

SILVA, Marcia Veiga da. **Masculino, o gênero do jornalismo**: um estudo sobre os modos de produção das notícias. Dissertação (Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/25629/000753018.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2021.

THINK OLGA. Comunicação de impacto para catalisar mudanças na vida das mulheres. **Think Olga**, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://thinkolga.com/>. Acesso em: 10 set. 2022.

71

VECCHIO-LIMA, Myrian Del; SOUZA, Humberto Cunha Alves de. Espaços alternativos na internet como formas de visibilizar as mulheres no jornalismo brasileiro. **Media & Jornalismo**, Lisboa, v. 17, n. 31, p. 131-152, 2017

ISSN 2183-5462. DOI: https://doi.org/10.14195/2183-5462_31_9. Disponível em: https://impactum-journals.uc.pt/mj/article/view/2183-5462_31_9/3879. Acesso em: 28 ago. 2022.

WOITOWICZ, Karina Janz. Imprensa feminista no contexto das lutas das mulheres: ativismo midiático, cidadania e novas formas de resistência. **Revista Ação Midiática**, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 1-18, jan./jun. 2012. ISSN 2238-0701. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/am.v0i3.27915>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/acaomidiatica/article/view/27915/19299>. Acesso em: 01 maio 2022.